

RECENSÕES CRÍTICAS DE LIVROS

Clínicas do trabalho

Anísio Araújo¹ & Paulo Zambroni de Souza²

¹ Departamento de Psicologia – Universidade Federal da Paraíba
Cidade Universitária - João Pessoa - PB - Brasil - CEP: 58051-900
anisiojsa@uol.com.br

² Departamento de Psicologia – Universidade Federal da Paraíba
Cidade Universitária - João Pessoa - PB - Brasil - CEP: 58051-900
paulozamsouza@yahoo.com.br

Uma surpresa positiva do ano de 2011 foi o lançamento do livro “Clínicas do trabalho: novas perspectivas para a compreensão do trabalho na atualidade”, organizado por Pedro F. Bendassolli (Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN) e Lis Andrea P. Soboll (Universidade Federal do Paraná – UFPR e Centro Universitário – FAE) pela editora Atlas. Uma obra que procurou reunir sob a expressão “Clínicas do trabalho” um conjunto de abordagens (Psicossociologia, Psicodinâmica do trabalho, Clínica da atividade e Ergologia) que vem servindo de lastro teórico a muitos pesquisadores no Brasil. Apesar das diferenças epistemológicas, teóricas e metodológicas existentes entre elas, conforme sinalizam os próprios organizadores na introdução do livro, conservam traços comuns, muitas vezes diluídos nas diferenças, o que concorre, frequentemente, mais para o seu isolamento do que para enxergar convergências existentes. Ao considerá-las de forma conjunta, os organizadores promovem o seu fortalecimento, permitindo evidenciar o potencial heurístico que em bloco podem oferecer aos acontecimentos nos mundos do trabalho hoje.

Já se tornou lugar comum afirmar que os mundos do trabalho são marcados pela complexidade, que é preciso olhá-los de vários ângulos, socorrendo-se de conhecimentos oriundos de diversos lugares, que urge romper territórios disciplinares, que se revelam cada vez mais frágeis para entender os desafios do presente. Não obstante a recorrência de tal constatação, poucas iniciativas são registradas no sentido de complexificar os recursos teóricos, talvez por várias razões, por comodismo, medo de exposição à crítica, corporativismo acadêmico, enfim, tudo isso concorre para inibir iniciativas como a desse livro, apesar dos acontecimentos demandarem a todo o momento instrumentos teóricos mais elaborados.

O livro parece contribuir no sentido do aperfeiçoamento teórico tendo em vista compreender e intervir com mais propriedade nas grandes questões dos mundos do trabalho hoje. Constitui certamente uma obra que preenche uma lacuna existente na produção em língua portuguesa, revelando-se, da parte de seus organizadores, uma ousadia que pode ser muito bem recebida em vários ambientes acadê-

micos, especialmente porque procura cotejar textos dos principais representantes dessas abordagens com outros capítulos de pesquisadores brasileiros que delas fazem uso em suas pesquisas. Trava-se assim um diálogo, um intercâmbio entre os fundadores, ou, pelo menos, grandes representantes dessas abordagens e aqueles que nelas reconheceram posições teóricas valiosas para compreender a realidade social na qual vivem e estudam. Se o samba tem razão ao afirmar que “a alma é sempre a do fundador” (Luz, Vila & Blanc, 2004), esse livro constitui uma oportunidade ímpar de colocar em análise pressupostos teórico-metodológicos tendo como referência o material empírico oriundo do exercício investigativo. Desse modo, uma retroalimentação necessária com um grande potencial para gerar desdobramentos interessantes.

Além do mais, o momento foi mais que oportuno para realizar tal empreitada, pois, as abordagens que compõem o livro já possuem alguma história no Brasil, onde já estão radicadas há certo tempo. Já puderam, inclusive, formar um número expressivo de pesquisadores espalhados pelo país. Some-se a isso o número de investigações realizadas e a produção científica a partir daí gerada. Por outro lado, não se trata de, no movimento inverso, ignorar as diferenças. O esforço é também no sentido de, compreendendo melhor as especificidades de cada abordagem, poder enxergar aquilo que compartilham e que pode concorrer para uma agenda comum, tendo em vista uma transformação positiva na realidade do trabalho hoje.

Destacamos, de início, a partir da própria introdução dos organizadores, elementos que nos pareceram relevantes para construir uma identidade (ainda que larga) para essas Clínicas do trabalho. Primeiramente, o foco nos processos emancipatórios dos trabalhadores, ou seja, na busca comum de torná-los protagonistas, sujeitos, autônomos, detentores de poder para agir e transformar a realidade em que vivem. Sob diferentes denominações, o interesse é deslocar o lugar dos trabalhadores de fontes de dados, de “objetos” das pesquisas, de meros informantes, de alvo das recomendações dos técnicos, para um lugar de co-autores, de co-participantes no processo investigativo e que, mais do que isso, desejam fazer um uso transformador do conhecimento que contribuíram para gerar. O sentido da produção de conhecimento é, desse modo, tornar possível a transformação da realidade dos mundos do trabalho hoje, que não deve ocorrer à revelia dos trabalhadores. Uma postura clínica, de desbravamento da situação de trabalho emerge, de forma incontestável, de tal perspectiva, fertilizando os desenvolvimentos teóricos presentes no livro.

A ergonomia da atividade, infelizmente ausente do livro em questão, norteadas pelo slogan “compreender para transformar” é inspiração para várias abordagens presentes no livro. Nesse caso, é a figura de Alain Wisner que desponta como o grande expoente, aquele que inaugura um novo

modo de produzir conhecimento em ergonomia, em conexão direta com o fervilhar dos acontecimentos. Embora reconhecendo a importância do laboratório, a sua escolha é pelo mundo real, sob a influência rebelde e complexa de uma infinidade de variáveis. É no mergulho nas situações de trabalho, no esforço de captar sua dinâmica interna, revelando o hiato entre o prescrito (o antecipado) e a realidade (o concreto), que é possível detectar o que pode alimentar uma transformação positiva da situação de trabalho. A postura clínica, cujo crédito também é da ergonomia da atividade, embora não apenas dela, torna possível a captação de elementos da intimidade das situações de trabalho que contribuem na formulação de uma agenda efetiva de transformação das condições de vida e trabalho.

Na raiz das abordagens e perspectivas presentes no livro está, sobretudo, o compromisso ético (a utopia) de buscar um mundo melhor, um ambiente em que os humanos, homens e mulheres, possam trabalhar e viver saudavelmente, desenvolvendo-se ao máximo e usufruindo das possibilidades geradas pela sua própria inventividade. Sob essa base, preocupações como produtividade, qualidade, saúde e segurança podem ser reunidas, tornadas compatíveis, não concorrentes. Afinal, produtividade e qualidade (já que saúde e segurança sempre foram historicamente demandas dos trabalhadores) não são invenções da empresa, estranhas aos humanos, como insistentemente nos levam a crer. Ao contrário, elas constituem desde sempre aspirações humanas, muitas vezes abandonadas em função dos imperativos do produtivismo.

O livro está estruturado em três partes, intituladas do seguinte modo: Fundamentos; Perspectivas francesas; Perspectivas brasileiras. Na primeira delas, composta por dois artigos, o primeiro dos organizadores do livro e o segundo da pesquisadora francesa Dominique Lhuillier, o foco é encontrar elementos comuns às Clínicas do trabalho, especificar suas fontes teóricas, apontar as suas especificidades. Lhuillier em seu artigo recupera como a clínica e a psicologia clínica foram conquistando um lugar no meio científico (ainda que sempre objeto de contestação), historicamente dominado pelo paradigma positivista. Na sua perspectiva de Clínica do trabalho, não importam apenas as manifestações de sofrimento, “mas o esforço de vida nessa prova, com os processos de desimpedimento, de resistência e de resposta” (p. 25). Persegue um itinerário que contempla a Psicologia social clínica, a Psicopatologia do trabalho, a Psicodinâmica do trabalho e, por fim, a Clínica da atividade. A segunda parte do livro dá a palavra aos principais representantes dessas abordagens. Do que pudemos perceber, não existiu a preocupação em apresentá-las didaticamente, desfiando ordenadamente seus conceitos, mas em revelar o ponto de vista de cada abordagem por intermédio do exame de determinadas temáticas. É o caso, por exemplo, dos capítulos de Isabelle Gernet e Christophe Dejourns que ele-

gem o tema da avaliação do trabalho e do reconhecimento para situar o ponto de vista da Psicodinâmica do trabalho; de Vicent du Goulejac que, ao focalizar o que batizou de “Nova Gestão Paradoxal”, uma tentativa de delinear a face complexa do gerenciamento típico do capitalismo contemporâneo, revela o olhar psicossociológico, o esforço de desbravar a mecânica da instrumentalização do psíquico na empresa (pós)moderna; de Jean François Chanlat que, explorando a contribuição das Ciências Sociais para enfrentar o desafio da gestão, busca afirmar um ponto de vista antropológico no ambiente da administração, dos negócios, contrapondo uma literatura baseada em princípios de um comportamentalismo incapaz de alcançar a complexidade do que se passa nas organizações. E o faz com muita propriedade, auxiliado, sobretudo, por um ambiente mais permeável a considerações de natureza subjetiva, que sente a insuficiência do olhar comportamentalista para abordar as questões do trabalho e das organizações. No capítulo que tem como autores Gilles Amado e Eugène Enriquez o interesse é responder às críticas dirigidas por Christophe Dejours à Psicossociologia. Num certo sentido, a inclusão desse texto representa uma estranheza considerando a proposta do livro, que, seguindo a lógica do que anunciamos até então, pareceu caminhar no sentido inverso ao de transformar diferenças em alimento para batalhas. O capítulo de Yves Clot, por sua vez, busca oferecer balizas para uma clínica da atividade (na Clínica do trabalho). Seguindo a trilha de Canguilhem, Clot afirma que atividade e saúde podem ser compatíveis a partir do momento em que é possível “criar um contexto para viver” (p. 72), desenvolvendo um poder de agir sobre o mundo e sobre si mesmo. Para Clot “a função psicológica do trabalho pode ser perdida quando ele, enquanto atividade concreta, não é mais para as mulheres e os homens uma fonte de alteridade, um centro de iniciativa e de criatividade” (p. 78). Por essa via, a Clínica da atividade pretende fazer-se instrumento de, tendo por base um debruçar-se coletivo sobre o trabalho, resgatar esse poder de agir, restituindo ao trabalho sua função psicológica. Clot compartilha com Yves Schwartz, autor do capítulo seguinte, a inspiração teórica e metodológica na obra de Ivvar Oddone que, materializada naquilo que conhecemos por Modelo Operário Italiano, convoca os trabalhadores a assumirem o protagonismo da transformação (da saúde) do trabalho. A subjetividade operária, o modo como os trabalhadores enxergam o seu meio, os riscos nele presentes, as soluções que identificam para os problemas que enfrentam, ganham um lugar de destaque nesse conjunto de abordagens. No capítulo de Yves Schwartz tem-se, sob a forma de um Manifesto, a apresentação da visão ergológica de mundo. Lançar luz sobre a atividade, buscar enxergar (ainda que parcialmente, já que reconhece ser sempre, necessariamente, de forma lacunar) o que nela se desenrola, a criação em processo, o inaugurar de novas histórias, representa uma ban-

deira que a ergologia busca insistentemente levantar. É insuficiente buscar apreender a atividade apenas por intermédio de seus desempenhos. É preciso, então, seguir o curso das dramáticas presentes na atividade, retirá-las da invisibilidade, dimensionar a energia aí investida apesar de, algumas vezes, desembocar em resultados pífios. O elogio das normas, por outro lado, representa o reconhecimento do histórico, a herança condensada dos antepassados, uma aquisição incontornável de nossa humanidade. Ao mesmo tempo, é sobre essa base que o ser humano atua, reinventando, renormatizando, dando testemunho de que a atividade é sempre debate de normas e de que a exaustiva antecipação e estandartização do agir é impossível. É nesse contexto que Schwartz faz a ligação com a questão da saúde, entendendo-a como uma “[...] tentativa de redesenhar parcialmente o meio em que se vive, em função de suas próprias normas, elaboradas por sua história” (p. 139). A renormatização implica também escolher com quem compartilhar, com quem construir (ou destruir) as coisas, ou seja, implica associar-se com quem dividimos valores. Ao mesmo tempo, o ergoengajamento pressupõe um determinado regime de produção de saber que promova o encontro dos saberes científicos, estocados, e os saberes da prática, investidos, norteados por um conjunto de valores sem os quais esse encontro seria impossível. Enfim, temos nesse texto um autêntico manifesto, uma convocação para dirigir o olhar sobre a atividade humana em geral e especialmente sobre a atividade de trabalho, retirando daí elementos que possam repensar os modos de governo da atividade humana em geral.

Seguem-se a aqueles capítulos, os produzidos por autores brasileiros. Neles, o de Ana Magnólia Mendes, Luciane Kosicz Reis Araújo e Álvaro Roberto Crespo Merlo, a preocupação inicial foi (re)situar o posicionamento próprio à psicodinâmica do trabalho, que confere ao trabalho um lugar central na estruturação do sujeito. É da análise da organização do trabalho, operada num coletivo de trabalhadores e pesquisadores, e transformada em categoria chave para o entendimento dos processos de subjetivação, das patologias e da construção da saúde, que se pode desenhar uma transformação positiva das condições e organização do trabalho, como bem frisam seus autores. Após estabelecer os princípios que devem nortear uma prática clínica em Psicodinâmica do trabalho, os autores buscam recuperar o itinerário metodológico que vem sendo seguido nas pesquisas brasileiras, inspirado, por sua vez, no roteiro original proposto por Christophe Dejours.

No capítulo de Cláudia Osório da Silva, Maria Elisabeth Barros de Barros e Ana Paula Figueiredo Louzada, procura-se inicialmente situar a emergência da Clínica da atividade, por volta dos anos 1990 na França, e que tem em Yves Clot seu principal mentor. As autoras endossam o posicionamento que vem sendo reiteradas vezes assumido por Clot

de que é a controvérsia entre os pesquisadores a fonte de desenvolvimento da psicologia do trabalho. É nesse sentido que a iniciativa do livro pode contribuir. Enfatizando a função psicológica do trabalho, a Clínica da atividade, partindo de Vygotsky, dentre outros, ancora-se numa compreensão de atividade, que ultrapassa largamente o que é efetivamente realizado. Recuperando em seguida alguns pilares teóricos e metodológicos da Clínica da atividade, as autoras situam o percurso dessa abordagem no Brasil, apresentando algumas experimentações que vem sendo realizadas no país, testemunho de uma busca de caminhos investigativos adaptados sem, no entanto, renunciar aos pressupostos teóricos que estão em sua base.

O artigo de Teresa Cristina O. Carreiro e Vanessa Andrade de Barros também procura situar, na sua abertura, posicionamentos históricos da Psicossociologia, tais como colocar em diálogo o saber profano e o saber científico, a preocupação com a transformação social sob a referência metodológica da pesquisa-ação, a exigência de envolvimento dos participantes no projeto da investigação, no seu desenvolvimento e na decisão relativa ao destino dos resultados; o olhar clínico, a atenção ao sentido das ações, às particularidades do sítio (daí a relevância do conceito de situação). O tema trabalho e organizações há muito frequenta as investigações psicossociológicas e situar e dar a relevância devida a esta abordagem é reconhecer a sua contribuição na discussão das mudanças que vêm ocorrendo nos mundos do trabalho e das organizações.

O artigo da Maria Elizabeth Antunes de Lima procura recuperar uma base histórica reconhecida como comum a todas as abordagens presentes no livro. Poderíamos afirmar, sem controvérsias, que o reconhecimento da importância dos pioneiros das Clínicas do trabalho na França é unânime entre os expoentes das várias abordagens, razão pela qual, e aí vai uma crítica ao modo como o livro foi estruturado, esse capítulo poderia ter sido posicionado na primeira parte do livro, pois constitui, de fato, um sobrevôo para o que o livro apresenta. A recuperação histórica que nos proporciona a autora, que percorre diversos momentos, da análise psicotécnica do trabalho com as pesquisas de Lahy e Pacaud, passando por Louis Le Guillant e a psicopatologia social, por François Tosquelles e a psicoterapia institucional à recente retomada da Clínica do trabalho com Christophe Dejours e a Psicodinâmica do trabalho e depois Yves Clot e a Clínica da atividade, cumpre um papel informativo e esclarecedor importante, já que nos apresenta um panorama fundamental para entender todas as ramificações teóricas presentes no livro.

O artigo de Milton Athayde e Jussara Brito situa a emergência da Ergologia no final dos anos 1970 e início dos anos 1980 a partir de experimentações encetadas por profissionais do conceito e protagonistas da atividade de trabalho. Conforme definem os autores “tem a perspectiva de abrir o ângulo sobre todas as dimensões da atividade humana (ma-

triz do viver), ao mesmo tempo analisando-a à lupa” (p. 258). A atividade de trabalho é uma das dimensões da atividade humana, obviamente com uma importância particular, pois estratégica para a sociedade. A perspectiva ergológica, segundo os autores, a partir de Yves Schwartz, “se enraíza na troca sinérgica entre diferentes saberes” (p. 266), sejam os da prática, em ligação direta com as situações concretas e tendo protagonistas os operadores, sejam os do conceito, representados pelos profissionais da ciência. É nesse encontro, balizado por valores que convocam ao respeito mútuo, ao diálogo e a ação transformadora sobre o mundo, que a ergologia afirma sua potencialidade no conjunto das clínicas do trabalho.

Enfim, temos um livro importante para os que se interessam em enriquecer a sua capacidade analítica frente às questões da atividade, do trabalho e das organizações no século XXI.

Referências bibliográficas

- Bendassolli, P., & Soboll, L. A. (2011). *Clínicas do trabalho: novas perspectivas para compreensão do trabalho na atualidade*. São Paulo: Atlas.
- Luz, M., Vila, L.C., & Blanc, A. (2004). Cabô, meu pai. On *Samba social clube 3* [CD]. Rio de Janeiro: EMI Brasil.

ES

Clínicas del trabajo

FR

Cliniques du travail

EN

"Clinics of work"

Como referenciar este artigo?

Araújo, A., & Zambroni de Souza, P. (2012). Clínicas do trabalho. *Laboreal*, 8, (1), 105-109
<http://laboreal.up.pt/revista/artigo.php?id=48u56oTV6582235653962455:42>

Manuscrito recebido em: Março/2012
Aceite após peritagem: Abril/2012